

– Entrevista a Francisca Abreu

Francisca Abreu é responsável pelo pelouro da Cultura da Câmara Municipal de Guimarães. Foi um dos membros do grupo de trabalho que preparou a candidatura da cidade a Capital Europeia da Cultura, em representação da autarquia vimaranense. Foi ainda apontada como presidente do conselho de administração da empresa municipal que está a preparar, temporariamente, o evento europeu. Entrevista realizada a 26 de Maio de 2009.

1. Ao contrário do que acontece na maioria dos Estados-membros, o Governo português não promoveu competição interna entre potenciais candidatas a Capital Europeia da Cultura. No seu entender, a que se ficou a dever o apoio incondicional a Guimarães?

Francisca Abreu - A nova decisão da União Europeia, que obriga os países a promover uma competição nacional, só se torna vinculativa para os Estados-membros que acolherão uma Capital Europeia da Cultura a partir de 2013. O Estado português optou por escolher Guimarães, decisão que só o Governo e a Ministra da Cultura da altura podem justificar. Podemos, no entanto, fazer uma leitura dessa escolha. A nossa leitura associa reconhecimento e responsabilidade. Por um lado, tratou-se do reconhecimento do trabalho que Guimarães tem feito quer na regeneração e valorização do património material e intangível, quer na promoção das artes e cultura de matriz contemporânea. Significou também a atribuição de uma responsabilidade pelo mérito do trabalho que temos feito. Mais uma vez foi o reconhecimento da qualidade, do rigor, da capacidade que Guimarães tem demonstrado para aceitar desafios, nomeadamente o Euro 2004.

2. O galardão da UNESCO terá então pesado na decisão.

F.A. - cremos que sim, sendo que a Capital Europeia da Cultura e a integração na lista do Património da Humanidade da UNESCO assumem critérios completamente distintos. No primeiro caso, o mérito é do que se faz. No segundo, o mérito é do que se tem, ou seja, um património valorizado. É certo que a nossa promoção das artes contemporâneas aproveita este cenário patrimonial, pelo que de certa forma se conjugam os dois.

3. Foi criado aquilo a que se chamou um “Grupo de Missão”, responsável por preparar a candidatura portuguesa. Como foi constituído esse grupo?

F.A. – Tratou-se de um grupo informal de quatro pessoas – dois vereadores em representação da Câmara e duas pessoas cooptadas pelo Ministério da Cultura – com a missão de elaborar a candidatura. Como estratégia e metodologia, optamos pela auscultação das pessoas, passamos dois terços do tempo a ouvir e um terço do tempo a escrever. O nosso objectivo era promover uma participação muito grande a nível local, regional, nacional e até internacional.

4. Quais foram os grandes argumentos apresentados às instituições comunitárias em defesa da candidatura de Guimarães?

F.A. – Não era possível fugir à matriz histórica e simbólica de Guimarães. Esta mágica que tem a cidade e o facto de estar associada ao berço e à nacionalidade. A candidatura é muito sustentada por esta raiz sólida, simbólica, do fórum do material mas também, e sobretudo, do imaterial e afectivo que é muito forte nos vimaranenses. Sentimos, no entanto, que não podíamos ficar amarrados a isso, esta sustentação serve para projectar o futuro. O nosso discurso assentou ainda na certeza de que só quem tem uma memória rica consegue ser criativo e inventivo. Só quem tem memória é capaz de se recriar. Este é um percurso de continuidade com os olhos postos na cidade que queremos ter em 2020 e não em 2012.

5. Entretanto a cidade recebeu a visita do presidente do painel de selecção, que deu posteriormente o seu parecer favorável à candidatura portuguesa. Quais foram os pontos fortes destacados por Sir Robert Scott, durante a sua visita à cidade berço, e que sugestões deixou?

F.A. – A sua presença foi muito importante por duas razões fundamentais. Primeiro, o painel de selecção que nos julgou é constituído por gente do Norte e Leste da Europa. Não há ninguém do Sul, destas periferias mais ocidentais. E nós somos diferentes. Temos uma matriz semelhante, mas somos diferentes. Havia uma visão cristalizada e romantizada do que é Portugal, tal como nós temos dos outros. Eventos como as Capitais Europeias da Cultura fazem-se precisamente para aproximar, para desfazer mitos e tirar as teias de aranha que nos turvam a visão. A visita de Sir Robert Scott serviu para retirar

este véu. Ele percebeu que a nossa cidade era mágica, repetiu vezes sem conta “this is not real”, “this town is not real”. Afirmou-o no sentido positivo. Esteve um fim-de-semana fantástico, com sol e calor (ele deixara uma Londres chuvosa), o que de certa forma ajudou à percepção de que já não somos aquele país de há cinquenta anos, fechado sobre si e cinzentão. Sir Scott percebeu também que a cidade tem uma dinâmica muito própria, uma animação nocturna que muitas cidades da mesma dimensão não têm. Ficou deveras surpreendido com a forma como os vimaranenses vivem e sentem o espaço público e sugeriu que aproveitássemos esta vivência, fruição e partilha. A rua é um espaço de aprendizagem, de encontro e convergência.

Para além disso, o programa incluiu a visita aos projectos que entendemos como mais emblemáticos. A visita in loco ao CampUrbis (coube à Universidade do Minho, parceira do projecto, apresentar os conteúdos previstos para o espaço) foi decisiva, sendo este um projecto que o galvanizou muito. Assenta na matriz de regeneração urbana que orientou o trabalho dos últimos vinte anos em Guimarães. É uma matriz de regeneração urbana, não como um fim em si mesmo, mas enquanto motor de regeneração social e económica. Nós só temos este chão, não vamos ocupar mais chão, vamos aproveitar o que temos, reabilitando, dando novas funções.

6. Aprovada formalmente a candidatura de Guimarães, já é possível revelar qual será o tema central do ano 2012?

F.A. – Optamos por não escolher um tema central ou slogan na fase de candidatura, tampouco nomear as artes a serem incluídas no programa artístico. Mas este é um processo com várias fases, muito demorado e complexo. A futura Fundação poderá decidir de forma diferente. Apenas definimos as grandes linhas orientadoras – regeneração urbana, regeneração social e regeneração económica –, vendo a Capital Europeia da Cultura como uma oportunidade para manter o rumo da excelência. O percurso da qualidade servirá para mudar o paradigma da cidade, tendo em conta os seus constrangimentos nomeadamente ao nível do desemprego. A regeneração económica passará muito pelas indústrias criativas, pela criação de condições para atrair e fixar talentos e, por essa via, promover a regeneração social.

7. A opção de alargar o programa cultural a um nível distrital, envolvendo ainda algumas cidades galegas não dispersa o potencial turístico do evento?

F.A. – O nosso concelho é de média ou mesmo pequena dimensão, em termos europeus. E hoje o programa das Capitais Europeias da Cultura está justamente vocacionado para cidades como a nossa, de forma a cozer o tecido europeu. O evento dá visibilidade e serve de exemplo multiplicador para outras cidades. No entanto, uma cidade como esta não tem dimensão, porque não tem massa crítica, para que os eventos de magnitude europeia aconteçam só para este pequeno público.

O coeur será Guimarães – o título é dado a uma cidade e não a uma região – mas não faz sentido limitar-se à cidade, até porque esta tem limites quanto ao fluxo turístico que é capaz de receber. Seria ingenuidade acreditar que as cidades vizinhas não vão aproveitar a circunstância de terem uma Capital Europeia da Cultura próxima para se promoverem e fazerem a sua regeneração. Trata-se portanto de juntar esforços e energias para que se coza este território muito mais lato, toda esta região, todo o país e incluindo o Norte da Galiza.

Trata-se de olhar o ano 2012 não como um evento mas como uma oportunidade para catapultar a cidade e a região para outro patamar. Porque nós não vivemos isolados e, portanto, não pode ser de outra maneira. Como isto será feito, dependerá não só de nós, mas de todos.

8. Quando será concretizada a fundação responsável pelo programa da Capital Europeia da Cultura?

F.A. – Foi criada uma empresa municipal, agora em processo de instalação, para começar os trabalhos. A fundação será criada em breve.

9. Uma notícia do Comércio de Guimarães, de 20 de Maio, anunciava que a autarquia ia votar o conselho de administração dessa empresa. Quem preside à estrutura?

F.A. – Eu sou a presidente do conselho de administração. Foram ainda apontados Carlos Ferreira Martins da Silva e José Bastos como vogais.

[Nota - Carlos Martins foi vereador na Câmara de Santa Maria da Feira e responsável pelo programa de animação do Euro-2004, sendo ainda consultor externo da autarquia vimaranense para a cultura. José Bastos é director do Centro Cultural da Vila Flor, em Guimarães.]

10. Quais serão os pontos fortes do programa artístico?

Apenas posso afirmar que estarão incluídas todas as artes, uma vez que o programa ainda não foi definido. A União Europeia pede exemplos que representem cerca de 10% dos eventos. Mas estes podem, ou não, ser concretizados pois não é possível assumir compromissos à distância com que a candidatura é feita.

11. Que exemplos foram apresentados?

F.A. – Apontamos um evento na área digital, um festival de cinema e o Guimarães Jazz. Uma vez mais, para além de mencionar projectos novos e inovadores, não poderíamos esquecer aquilo que de bem se faz por cá, nomeadamente ao nível do jazz. Será uma oportunidade para levar o evento a uma outra dimensão.

12. As entidades e artistas vimaranenses usufruem assim de uma projecção internacional...

F.A. – Queremos vê-los envolvidos. Para além da programação artística definida por um corpo de programadores especializado haverá margem, uma percentagem da programação e do dinheiro, para as candidaturas que podem vir do concelho, da região ou de qualquer ponto da Europa. Ou seja, haverá uma fase de open call, como aconteceu nas Capitais Europeias da Cultura anteriores.

13. Mas existe um objectivo claro de privilegiar as tradições locais? Por exemplo, as festas nicolinas (candidatas a património imaterial da UNESCO) poderão fazer parte do programa?

F.A. – O evento é um palco da Europa e as actividades culturais e artísticas de Guimarães também fazem parte da Europa. Mas não podemos ser pobres, no sentido de se querer remeter o que se vai mostrar apenas àquilo que se faz em Guimarães. Guimarães vai ser o palco, pode apresentar coisas de cá mas o programa não será centrado apenas nisso, sendo que também não as exclui.

Uma vez que não vou ser programadora, o que disser pode não ter validade. No entanto, recorde-se que temos tradições de percussão muito fortes, relacionadas com os mistérios da vida, como uma forma de afugentar os males e atrair o bem. É muito difícil despirmo-nos disto, mesmo que agora o real e a ciência nos distanciem do simbólico, afastando-nos deste espanto com que se via o mundo e a natureza. Estas tradições estão

no nosso ADN, fazem parte de nós, pelo que gostaria muito que se fizesse alguma coisa nessa área, em 2012.

Pode-se fazer um trabalho fantástico a esse nível, unindo a Europa e dando uma visão contemporânea a essas manifestações que não são exclusivas daqui. Descobrimos, por exemplo, que na Eslovénia há igualmente uma tradição de enfeitar mastros para denunciar a festa.

14. E daí o projecto cultural Mastro da Europa, que deverá unir as duas Capitais Europeias da Cultura 2012?

F.A. – Procuramos algo que nos unisse. A ideia inicial desse projecto, que pode evoluir, seria escolher um grupo de artistas portugueses para partir em direcção a Maribor, parando em várias cidades europeias num processo de aprendizagem do que é igual e do que é diferente. Outro autocarro partiria na direcção inversa, rumo a Guimarães. O percurso culminaria numa exposição multidisciplinar, com fotografia, texto, impressões da viagem...

15. Em termos de espaços culturais, a cidade está preparada para receber um evento de tamanha envergadura?

F.A. – Pensamos que sim, nomeadamente ao nível de espaços formais com o Centro Cultural Vila Flor, o Multiusos, o auditório da Universidade do Minho. Depois, e porque às vezes é importante termos uma visão externa, ouvimos Sir Bob Scott, que nos falou dessa coisa fantástica que é este clima, estas praças e estes sítios, esta fruição das pessoas que se encontram. E sim, definitivamente, cremos que temos espaços, formais e informais, para a Capital Europeia da Cultura.

16. Segundo a comunicação social, um dos projectos-âncora da cidade enquanto Capital Europeia da Cultura, será a Plataforma das Artes. Em que consiste?

F.A. – Será uma espécie de museu vivo, um espaço aberto onde os artistas (por exemplo através de residências artísticas) poderão desenvolver a sua obra, não num contexto de isolamento mas num espírito de partilha, contactando e envolvendo-se com os cidadãos.

Não será um projecto expositivo no conceito tradicional de museu, mas um lugar que reúna as condições para atrair talentos e as indústrias criativas que aí se poderão instalar

temporariamente, mediante um conjunto de regras a definir. Outro dos objectivos será captar e estimular criadores emergentes, nomeadamente através de formação.

17. Já tem localização definida?

F.A. – Em princípio ficará instalado no espaço do antigo mercado. O projecto de arquitectura está a ser realizado.

18. Para além do espólio do escultor José Guimarães, que foi doado à cidade, prevê-se a compra de uma colecção para esse espaço?

F.A. – Tal como disse, não se trata de um projecto museológico no sentido tradicional do termo, pelo que não se prevê para já a compra de obras de arte.

19. Setenta por cento do orçamento previsto para a Capital Europeia da Cultura (111 milhões de euros) destina-se a projectos materiais. Será essa a forma de potenciar efeitos duradouros?

F.A. – Todas as antecessoras com que contactei encontraram nesta designação uma oportunidade para intervir fisicamente na cidade. Os projectos de intervenção na zona de Couros, onde ficará o CampUrbis, iniciaram-se há vários anos, com a criação do Cybercentro e da Pousada da Juventude, estando já a construção do Centro de Ciência Viva em fase de conclusão. A Capital Europeia da Cultura é uma oportunidade para continuarmos a regeneração daquele quarteirão.

20. O primeiro rei de Portugal inspira várias actividades ao longo deste ano. Pode dizer-se que se trata de um programa preparatório ao ano cultural de 2012?

F.A. – Exacto. Um dos binómios em que assenta a candidatura de Guimarães a Capital Europeia da Cultura é “identidades e memórias”, por causa da simbologia de que falava no início, associada a Guimarães. Assim, aproveitamos a circunstância de D. Afonso Henriques ter provavelmente nascido há nove séculos para pegarmos nesse binómio e celebrarmos 900 anos em 900 horas, envolvendo a Câmara, o Paço dos Duques, o Museu de Alberto Sampaio, a Sociedade Martins Sarmento, o Centro Cultural Vila Flor e outras instituições.

21. Que outras grandes actividades artísticas de relevo se prevêem antes da Capital europeia da Cultura arrancar?

F.A. – Quando estiver criada a fundação, vamos fazer-lhe a transferência dessa responsabilidade. Certamente, serão preparados outros eventos.